

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 12, número 1 (2021)
ISSN: 2177-2886

Artigo

Jovens Mulheres na Cultura *Hip Hop* de Londrina (Pr): Interpretações a Partir de *Relief Maps*¹

Mujeres Jóvenes en la Cultura Hip Hop de la Ciudad de Londrina-Paraná: Interpretaciones a partir de los Mapas de Relieves de la Experiencia

Young Women in The Hip Hop Culture of Londrina (PR): Interpretations from Relief Maps

Ana Carolina dos Santos Marques
Universidade Estadual Paulista Júlio de
Mesquita Filho - Brasil
ana-carolina.marques@unesp.br

Como citar este artigo:

MARQUES, Ana Carolina dos Santos. Jovens Mulheres na Cultura *Hip Hop* de Londrina (Pr): Interpretações a Partir de *Relief Maps*. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 12, n. 1, p. 207-229, 2021. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Jovens Mulheres na Cultura Hip Hop de Londrina (Pr): Interpretações a Partir de Relief Maps

*Mujeres Jóvenes en la Cultura Hip Hop de la Ciudad de Londrina-Paraná:
Interpretaciones a partir de los Mapas de Relieves de la Experiencia*

*Young Women in The Hip Hop Culture of Londrina (PR): Interpretations from
Relief Maps*

Resumo

Este artigo objetiva interpretar as experiências interseccionais de cidade de jovens mulheres negras que participam da cultura *Hip Hop* em Londrina (PR), por meio de *relief maps*. O *Hip Hop* é entendido como uma cultura juvenil negra que possibilita que as jovens se afirmem, entretanto, é constituído predominantemente por homens e no seu interior ainda são disseminados estigmas de gênero. Desse modo, torna-se relevante interpretar os enfrentamentos que as jovens realizam nos espaços da cultura, assim como no espaço urbano por meio dela. Dentre as metodologias adotadas estão trabalhos de campo, entrevistas com cinco jovens negras hip hoppers e *relief maps*. A principal conclusão é que as jovens estão constantemente negociando suas identidades e permanências no espaço urbano de Londrina.

Palavras-Chave: Jovens Mulheres Negras; *Hip Hop*; Interseccionalidade; *Relief maps*; Londrina.

Resumen

El presente artículo tiene el objetivo de interpretar las vivencias interseccionales de la ciudad de jóvenes negras que participan de la cultura Hip Hop en la ciudad de Londrina, en el Estado de Paraná, a través de mapas de relieves de la experiencia. El Hip Hop se entiende como una cultura juvenil negra que permite a las mujeres jóvenes reafirmarse, sin embargo, está compuesto predominantemente por hombres y dentro de él los estigmas de género todavía están muy extendidos. De esta manera, cobra relevancia interpretar los enfrentamientos que las jóvenes llevan a cabo en los espacios culturales, así como en el espacio urbano a través de él. Entre las metodologías adoptadas se encuentran el trabajo de campo, entrevistas con cinco jóvenes hip hoppers negros y mapas de relieves. La principal conclusión es que las mujeres jóvenes están constantemente negociando su identidad y permanencia en el espacio urbano de Londrina.

Palabras-Clave: Mujeres Negras Jóvenes; *Hip Hop*; Interseccionalidad; Mapas en Relieve; Londrinense.

Abstract

This article aims to interpret the intersectional experiences of the city by young black women who participate in the Hip Hop culture in Londrina (PR) using relief maps. Hip Hop is understood as a black youth culture that enables young women to assert themselves; however, it is predominantly made up of men and within it gender stigmas are still widespread. Thus, it becomes relevant to interpret the confrontations that the young women face in cultural spaces, as well as in the urban space through their culture. The methodologies adopted include fieldwork, interviews with five young black hip hoppers and relief maps. The main conclusion is that young women are constantly negotiating their identities and permanence in the urban space of Londrina.

Keywords: Young Black Women; Hip Hop; Intersectionality; Relief Maps; Londrina.

Ana Carolina dos Santos Marques



Introdução

O presente artigo objetiva interpretar as experiências interseccionais de cidade de jovens mulheres negras que participam da cultura *Hip Hop* em Londrina (PR), por meio de *relief maps*. Busco produzir uma narrativa sem a reprodução de silenciamentos, à que mulheres negras foram historicamente submetidas, destacando que suas visões de mundo e trajetórias de vida e de espaço importam. Ainda que suas espacialidades sejam impostas e marginalizadas, elas produzem o espaço geográfico e sua participação em culturas juvenis, como o *Hip Hop*, contribui para maior democratização das culturas, assim como potencializa a luta por uma sociedade com equidade.

O intuito deste artigo é entender de que forma as jovens mulheres negras se sentem, em termos de conforto e desconforto, em diferentes espaços da cidade de Londrina, de acordo com suas identidades de raça, classe, gênero, sexualidade e idade. O recorte espacial da cidade de Londrina, localizada no norte do estado do Paraná, se deve ao fato de primeiramente ser meu lugar de vivência e, também em virtude de a cidade possuir diversas culturas juvenis ocorrendo cotidianamente em seu espaço urbano, sendo o *Hip Hop* uma delas. A cena do *Hip Hop* londrinense é ampla e se desenvolve por meio de batalhas de rima, festivais, grupos de danças urbanas, de grafite e projetos sociais.

Como procedimentos metodológicos, trabalhos de campo foram realizados em batalhas de rima e eventos de *Hip Hop* entre os anos de 2018 a 2020. Entrevistas semiestruturadas e virtuais foram realizadas com cinco jovens mulheres negras *hip hoppers* e londrinenses: Cleópatra, DJ Fran, MC VK, Poetiza e Venezian². Os diálogos seguiram um roteiro contextual com perguntas a respeito das trajetórias de vida e de espaço pretéritas e posteriores ao encontro das sujeitas com o *Hip Hop*, acerca de suas participações na cultura, das potencialidades e também do machismo presente na cena. Após a realização das entrevistas, elas foram transcritas e codificadas com base em Gibbs (2009).

A metodologia de *relief maps* também foi empregada. Rodó-de-Zárate (2014) faz essa proposição metodológica para o estudo das interseccionalidades na Geografia, a autora defende o uso dessa ferramenta, pois mostra a relação entre três dimensões: as estruturas de poder (o social), a experiência vivida (o psicológico) e lugares (o geográfico). Torna-se possível considerar privilégios e opressões sem usar categorias de forma rígida e fixa, destacando como as posições específicas nas estruturas de poder – de acordo com raça, gênero, classe, sexualidade ou idade – dependem dos espaços e relações de poder neles.

Os espaços elencados são classificados com base em quatro tipologias: espaços de opressão, em que se tem uma experiência de desconforto em

1 Este artigo apresenta parte dos resultados da dissertação intitulada: “As espacialidades instituídas pelas jovens mulheres negras na e por meio da cultura *Hip Hop* em Londrina (PR)”, elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho” (FCT/UNESP – Campus de Presidente Prudente). Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/204879>>.

2 A pesquisa foi avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da FCT/UNESP, número do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) é 20272119.5.0000.5402.

virtude de alguma identidade; espaços controversos, onde se sente desconforto em relação à alguma identidade, mas também se sente alívio em relação às outras; espaço neutros, em que nenhuma identidade é acentuada; espaços de alívio, onde há conforto em determinadas identidades (RODÓ-DE-ZÁRATE, 2013).

Durante as entrevistas, as jovens negras foram questionadas a respeito dos lugares da cidade de Londrina em que se sentiam seguras e confortáveis, e dos lugares em que as emoções eram o inverso, de acordo com os eixos de opressão: raça, gênero, classe, idade e sexualidade. No entanto, por meio dos diálogos não foi possível apreender os níveis de afetos que elas apresentavam nos diferentes locais.

Assim, para compreender esses cenários, um formulário³ na plataforma *Google Forms* foi criado para as jovens preencherem a escala de conforto e desconforto que sentiam em diferentes espaços. Posteriormente os *relief maps* foram construídos por meio da plataforma virtual criada por Rodó-de-Zárate⁴.

Portanto, essa proposição metodológica possibilita entender elementos como: quais espaços as jovens mais transitam, o que as repele de frequentar determinados locais e quais relações existem entre suas trajetórias e a produção do espaço geográfico londrinense.

O artigo está estruturado em três partes principais. Inicialmente, discuto o movimento interseccional corporificado que caracteriza as jovens mulheres negras e suas vivências no espaço geográfico. Em seguida, apresento a cena do *Hip Hop* londrinense. Por fim, os resultados da pesquisa são interpretados. Esperamos fomentar o debate interseccional na ciência geográfica e contribuir para a maior visibilidade às sujeitas da pesquisa e suas demandas.

Espaço Geográfico, Jovens Mulheres Negras e Interseccionalidades: O Movimento Interseccional Corporificado de Raça, Gênero, Sexualidade, Classe, Idade e Cultura Juvenil

Compreender as experiências interseccionais de cidade de jovens mulheres negras *hip hoppers*, nos remete à discussão e espaço geográfico e interseccionalidades. Defendo pensar o espaço geográfico de forma relacional, para tanto, Massey (2004; 2008) oferece direcionamentos. A autora entende o espaço geográfico a partir de três proposições: como produto de inter-relações, constituído por meio de interações, desde a imensidão do global até o intimamente pequeno; como esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, em que trajetórias plurais coexistem; e como processo sempre em construção, nunca acabado. Em síntese, o espaço é movimento, é meio, condição e resultado da ação das jovens negras do *Hip Hop*, refletindo suas identidades, trajetórias e relações sociais.

Desse modo, o espaço geográfico abriga grande diversidade de sujeitas/os, com identidades constituídas/os por meio de eixos como gênero, sexualidade, classe, raça, idade, etnia e cultura. No entanto, a forma como esses corpos vivenciam o espaço geográfico é diferenciada, de acordo com as situações,

3 A construção do formulário foi realizada com base no Quadro 2 da dissertação de mestrado (MARQUES, 2021).

4 O *site* pode ser acessado pelo endereço: <<https://reliefmaps.cat/pt/>>.

determinados eixos identitários se sobressaem nas experiências, afetando diretamente os espaços frequentados. Dessa forma, ao pensar a respeito das/os sujeitas/os sociais é fundamental levar em conta as interseccionalidades.

As interseccionalidades potencializam as interpretações a respeito das vivências de mulheres negras. Nossas realidades não podem ser entendidas somente sob o viés de raça, de gênero ou de classe. Esses eixos se entrecruzam e nos impõe uma série de experiências permeadas por racismo e sexismo. O conceito foi iniciado pelas feministas negras a partir da necessidade de evidenciar que as opressões de raça e gênero se entrecruzavam, articuladas ainda a outras dimensões.

A interseccionalidade significa entender “[...] como essas discriminações operam juntas, limitando as chances de sucesso das mulheres negras” (CRENSHAW, 2004, p. 8). Ela pressupõe abandonarmos as “caixas” de opressão. Ao interseccionar as variáveis identitárias e caracterizar as/os sujeitas/os, não estamos somando as opressões, nem as hierarquizando, mas sim as cruzando para compreender de que forma as/os sujeitas/os são exploradas/os e invisibilizadas/os (AKOTIRENE, 2019).

De acordo com McCall (2005), a interseccionalidade diz respeito à posição que a/o sujeita/o ocupa na sociedade, assim, de acordo com o contexto social, espacial e histórico em que se está inserida/o, determinadas categorias identitárias serão acionadas. No caso das jovens mulheres negras, consideramos os eixos de raça, gênero, classe, sexualidade, idade, participação em uma cultura juvenil e espaço geográfico para interpretar suas espacialidades.

A idade é uma dimensão pouco discutida em pesquisas interseccionais, que merece maior atenção, uma vez que os eixos identitários atingem de formas diferentes as/os sujeitas de acordo com sua posição num contexto de relações intergeracionais. No caso da juventude, fase de vida e condição social (PAIS, 2003; TURRA NETO, 2015) foco dessa pesquisa, as/os jovens já vivenciam uma série de estigmas por sua idade, e quando se é mulher, negra e empobrecida, as experiências e oportunidades se tornam mais difíceis, assim como a instituição de espacialidades.

No caso das juventudes negras, a gestão racista e necropolítica do espaço cria e perpetua a (re)produção histórica de seu genocídio (OLIVEIRA, 2015). Quando falamos especificamente das jovens mulheres negras, seus cursos de juvenilização são diretamente afetados pela atuação da ordem hegemônica de poder, as jovens nem sempre conseguem vivenciar sua juventude na plenitude, principalmente, em virtude da raça e classe social que as condiciona a ter que trabalhar desde muito cedo para se sustentar. Espera-se delas que ocupem as mesmas posições subalternas no mercado de trabalho, que foram ocupadas por suas mães e avós.

Historicamente, posicionalidade marginais foram impostas à população negra, assim como às juventudes negras. O racismo brasileiro é estrutural (ALMEIDA, 2018) e a raça possui uma dimensão espacial, ela atua na estruturação do espaço geográfico. Oliveira (2019) aponta que uma vez que o espaço geográfico é historicamente produzido, inscrições, trajetórias, memórias e projetos do passado colonial persistem e interferem no arranjo espacial, é nesse contexto que o racismo entende a/o negra/o como um

problema espacial.

Desse modo, entendidas como problemas espaciais, as jovens mulheres negras têm suas realidades e espacialidades marginalizadas. A dimensão de gênero aprofunda essas desigualdades. Entendido enquanto ato performático (BUTLER, 2003), de acordo com os gêneros, as/os sujeitas/os experienciam o espaço geográfico de formas diferenciadas e tais diferenças formam parte da constituição social tanto dos lugares quanto dos indivíduos (REIS, 2015). As mulheres são destinadas, sobretudo, ao espaço privado, enquanto que os homens são remetidos à vida pública (MCDOWELL, 1999). As Geografias Feministas se evidenciam como o principal subcampo geográfico a debater as questões de gênero, e lutar pelo reconhecimento de que as diferenças de gênero são estruturantes na construção do espaço geográfico, nas relações de poder e na constituição das subjetividades e identidades (SILVA, 2009).

A partir dessas dimensões identitárias debatidas, salientamos suas influências nas trajetórias de vida e de espaço das jovens mulheres negras. O imaginário social a respeito das mulheres negras é permeado por estigmas e estereótipos. Gonzalez (1984) estabelece três noções a que geralmente são associadas: mulata, doméstica e mãe preta. Desde o período colonial, somos ultrassexualizadas e o imaginário que predomina nos associa a adjetivos como “lascivas”, “fáceis” e “naturalmente sensuais”, justificando abusos físicos, psicológicos e sexuais (RIBEIRO, 2018).

Há um controle sobre os corpos femininos negros. O espaço geográfico possui uma dimensão organizada por meio de raça, do gênero e da classe que objetiva nos segregar. Essas marcas que limitam nossa cidadania são as referências pelas quais somos posicionadas pelas representações dominantes. A cultura *Hip Hop* nos traz elementos para ressignificar as construções históricas às quais fomos submetidas, e pensar em trajetórias de vida mais autônomas.

O *Hip Hop* é interpretado como uma cultura juvenil (PAIS, 2003) negra, seu público é formado, majoritariamente, por jovens negras/os que encontram na cultura uma forma de se expressar, constituir e afirmar suas identidades, expor suas reivindicações e construir redes de sociabilidade com pessoas que compartilham trajetórias de espaço e de vida semelhantes. Ele ressignifica a periferia, enquanto lugar de produção de conhecimento e arte. Além disso, a juventude hip hopper negocia a ocupação dos espaços urbanos, pois é justamente a apropriação que proporciona que os eventos aconteçam, que redes de sociabilidade sejam criadas e que os espaços se tornem mais democráticos.

Apesar de suas potencialidades para afirmação da juventude negra e das mulheres, o *Hip Hop* segue a tendência de outras culturas juvenis (WELLER, 2006), e é constituído majoritariamente por homens jovens. Ainda que seja uma cultura crítica, que intenta romper com as desigualdades socioespaciais, ele está inserido no movimento da sociedade e, por isso, não está livre de reproduzir ações e discursos hegemônicos e discriminatórios. O machismo é uma dessas ideias que permanece presente na cultura (MATSUNAGA, 2006; CORREIA, 2020), principalmente nas rimas de MCs. Os homens dominam a cena brasileira, assim, as mulheres enfrentam muitas barreiras para sua participação efetiva e muitas são obrigadas a conviver, ou já conviveram, com discursos machistas, patriarcalistas e misóginos de seus companheiros de coletivo.

São as mulheres e a população LGBTQIA+ que estão questionando as fragilidades internas do *Hip Hop* e usando como “armas” o próprio repertório da cultura. O *Hip Hop* possibilita que as mulheres ocupem espaços negados a elas e permite que os corpos negros femininos se façam visíveis, autônomos e não subalternos. No caso das mulheres negras, a cultura as permite serem sujeitas de sua história, de desafiarem as convenções de gênero e de raça e refletirem a respeito de si mesmas, das realidades em que estão inseridas e das relações que estabelecem e dos espaços que frequentam. A partir desses elementos, considero importante discutir a cena do *Hip Hop* em Londrina, para posteriormente explicitar as negociações identitárias empreendidas pelas jovens mulheres negras londrinenses no espaço urbano e na própria cultura.

A Cena do *Hip Hop* de Londrina: Juventude Traçando outras Trajetórias de Cidade e de Espaço

Londrina é uma cidade média, localizada no norte do estado do Paraná e que possui população de aproximadamente 575 mil habitantes. Desde sua gênese, em 1929, a cidade passou por dinâmicas espaciais, sociais, políticas e econômicas que complexificaram sua malha urbana e a expandiram acentuadamente.

Segundo censo demográfico de 2010, 25% da população londrinense se autodeclarava negra (estatística que provavelmente já é maior em 2021). A estruturação do espaço urbano londrinense excluiu, desde seu início, a população negra. A cidade foi construída para imigrantes e ex-colonos brancos, representantes da branquitude e da heteronormatividade. A maioria da população negra reside nas periferias empobrecidas, há uma concentração de negras/os na zona norte e sudeste, marcadas pelos assentamentos urbanos e falta de infraestruturas básicas. As/os negras/os são minoria na cidade, assim como suas espacialidades que são restritas e marginalizadas. O espaço urbano da cidade é circunscrito por necropolíticas, sendo que as áreas valorizadas possuem uma política anti-negras/os (GALDINO, 2017).

O *Hip Hop* emergiu em Londrina em meados da década de 1980, nas periferias empobrecidas. Em uma cidade marcada por uma urbanização racista, a cultura sempre se concentrou nas áreas periféricas. Sua história é marcada pelo engajamento social com as comunidades periféricas e pelo tensionamento para que o poder público local reconheça suas potencialidades e contribua com a realização dos projetos e eventos, cedendo espaço e financiamento. A cultura foi fundamental para que muitas/os adolescentes e jovens traçassem trajetórias e projetos de vida que fugissem das redes do crime e das drogas que, muito fortemente, se territorializam em seus bairros periféricos empobrecidos.

Atualmente, a cena do *Hip Hop* londrinense é composta por projetos sociais – que afirmam a importância do *Hip Hop* enquanto cultura educadora –, grupos de rap e dança, coletivos de grafiteiras/os, festivais (como o Festival *Hip Hopé Vermelho*), gravadoras independentes, canais no *YouTube* e batalhas de rima, sendo essas últimas a manifestação mais expressiva da cultura na cidade. Há mais de cinco batalhas de rima, como por exemplo Batalha do Hemp, Batalha do Cinco, Batalha do Galo, Batalha do Antares, Batalha da Concha e Batalha das Minas Londrina, que ocorrem regularmente ao longo da semana. Há batalhas em todas as zonas geográficas da cidade e essa

espacialidade das batalhas contribui para que todas/os as/os adeptas/os da cultura *Hip Hop*, possam frequentar pelo menos uma batalha por semana, sem precisar realizar longos deslocamentos.

As pesquisas científicas a respeito do *Hip Hop* londrinense são escassas e, geralmente, apresentam os relatos de homens que fazem parte da cena. Considero importante conhecer as acepções que as jovens mulheres negras da pesquisa possuem a respeito da cultura. De acordo com elas, a participação feminina tem crescido, principalmente nos últimos cinco anos. Essa maior ocupação dos espaços do *Hip Hop* não se deu de forma simples, mas sim com base em muito enfrentamento. As jovens têm que batalhar muito mais para conseguirem reconhecimento. Daí que existe uma união entre elas, que se apoiam e se fortalecem. O coletivo da Batalha das Minas Londrina surgiu, justamente, no sentido de unir as mulheres e incentivar seus trabalhos.

Em relação ao machismo presente na cena, todas as jovens apontam já ter sofrido ou presenciado situações de discriminação de gênero. Contudo, destacam que as mulheres *hip hoppers* têm denunciado e exposto mais as atitudes machistas, assim como o público que tem se mostrado contrário aos trabalhos que discriminam mulheres. Assim, os homens têm que respeitá-las e aprender a lidar com sua presença, deixando de entendê-la como uma competição por espaço, mas sim como uma força a mais na luta por uma sociedade mais justa.

As sujeitas também apontam que faltam maiores discussões relacionadas à gênero e sexualidade. De acordo com DJ Fran, Venezian, Cleópatra e Poetiza, uma série de estigmas e preconceito ainda são reproduzidos e interferem nas trajetórias de vida de diversas pessoas na cultura, principalmente, mulheres e LGBTQIA+.

Em suma, as jovens mulheres negras da pesquisa, assim como as mulheres *hip hoppers* londrinenses em geral, são sujeitas que rompem com a masculinização da cultura e tensionam as estruturas hegemônicas. Sua participação no *Hip Hop* torna a cultura mais justa e reflexiva. São elas que pautam as questões de gênero e lutam por espaços mais equitativos. Dessa forma, o movimento apresentado é dialético, ao mesmo tempo que as jovens tornam o *Hip Hop* mais democrático, a cultura contribui para que instituem outras espacialidades em suas vidas e práticas culturais e políticas e possam se expressar.

Relief Maps: As Experiências Interseccionais de Cidade de Jovens Mulheres Negras

O trabalho com a metodologia dos *Relief Maps* nos proporciona interseccionar diferentes eixos de opressão que determinam as experiências de vida e espaço das/os sujeitas/os. Ela destaca a mútua influência existente entre estruturas de poder, experiências de vida e espaço geográfico. No debate a respeito das jovens mulheres negras, os *relief maps* se evidenciam como uma rica metodologia, uma vez que, para compreender a realidade das sujeitas, a interseccionalidade é imprescindível.

Antes de iniciar as interpretações, considero importante apresentar quem são as cinco sujeitas da pesquisa. *Cleópatra* é MC, possui 18 anos de idade e está no último ano do ensino médio. Identifica-se como mulher preta. Mora

com seus pais na zona central de Londrina e estava desempregada no momento da entrevista. A jovem encontrou o Hip Hop entre os 10 e 12 anos, por meio de um projeto social circense. *DJ Fran* é DJ, tem 30 anos e se identifica como preta. Reside no bairro Fraternidade, zona leste de Londrina. É formada em Pedagogia e atua como professora, sendo que aos fins de semana toca em eventos. Juntamente com o marido, é responsável pela organização do Festival *Hip Hopé Vermelho*.

MC VK é MC, possui 21 anos e se identifica como preta. Mora no Jardim Novo Aeroporto, zona leste de Londrina, com o marido. Faz graduação em Farmácia e também é tecnóloga em estética. Encontrou o Hip Hop em 2019 e, desde então, participa das batalhas de rima. *Poetiza* é cantora, atua como MC, grafiteira, dançarina e atualmente tem estudado para se tornar DJ. Possui 29 anos, se considera preta e mora no bairro Portal do Sol, zona norte. Trabalha como trancista e *baby sister*. Conheceu o Hip Hop com sete anos por meio da família.

Venezian é MC, tem 21 anos de idade e se considera preta. Faz um curso de Técnico em Enfermagem e mora com os pais no bairro Alto da Boa Vista, na zona norte de Londrina. Trabalha em um estabelecimento de hortifruti próximo a sua casa. Entre os 10 e 12 anos começou a fazer poesias e em 2017, com 18 anos, começou a participar das batalhas de rima e a atuar como MC.

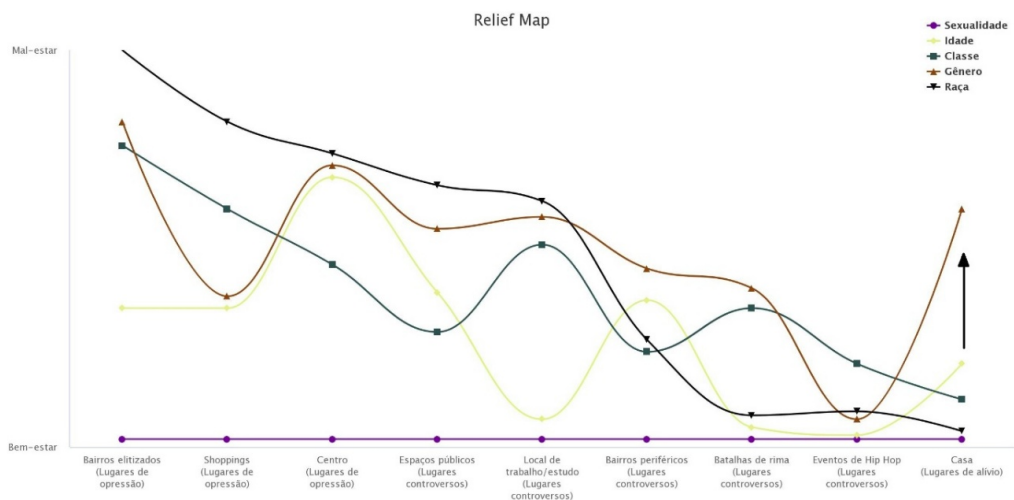
Com base nos resultados obtidos por meio do formulário enviado às sujeitas da pesquisa, os espaços foram classificados em três, das quatro tipologias estabelecidas por Rodó-de-Zárate (2013): Espaços de opressão: bairros elitizados, *shoppings* e centro da cidade; Espaços controversos: local de trabalho/estudo, bairros periféricos, espaços públicos, eventos de Hip Hop, batalhas de rima; 3. Espaços de alívio: casa.

O desconforto provocado pelos espaços de opressão, se deve principalmente por possuírem um perfil determinado de frequentadoras/es, que não se enquadram nas realidades das jovens negras. Os espaços controversos são entendidos como locais com potencial para que as jovens mulheres negras possam afirmar suas identidades positivamente, entretanto, nem sempre isso ocorre de acordo com as estruturas de poder e os eixos de opressão, assim alguma identidade é sempre negociada. A casa é considerada um espaço de alívio, todavia, alguns eixos de opressão ainda causam desconforto nesse local.

Os sentimentos das jovens, expressos em narrativas, determinam a posição dos pontos, nos locais. Há ainda as setas, que indicam tensões entre afetos causados pelas estruturas de poder distintas. Elas representam intensificações, isto é, alguns eixos de opressão intensificam outros. Quando direcionadas para cima, indicam que as opressões estão sendo intensificadas, quando direcionadas para baixo, o desconforto é atenuado. As Figuras 1, 2, 3, 4 e 5 apresentam os *relief maps* elaborados.

A Figura 1 apresenta o *relief map* de Cleópatra, em que os eixos mais explícitos no que diz respeito à desconforto são raça, gênero e classe. Os bairros elitizados causam um desconforto extremo na jovem que, principalmente, em função de sua raça não se sente à vontade em um espaço ocupado, majoritariamente, por pessoas brancas. Há uma intensificação dos afetos, ser jovem nesses locais acentua as opressões de raça, gênero e classe, a partir do estereótipo da juventude ser entendida enquanto um problema da sociedade.

Figura 1: Relief Map de Cleópatra



Org.: a autora, 2020.

Ser uma mulher em um *shopping* não causa tanto desconforto em Cleópatra, mas ser negra e de classe popular sim. Há um padrão de público frequentador nos *shoppings* de Londrina, que se diferencia da realidade das jovens mulheres negras da pesquisa, desse modo, são espaços evitados por elas:

Tem vários que eu não gosto de ir, que eu me sinto desconfortável, por exemplo o shopping Aurora, shopping assim na maioria deles eu não gosto de ir, teve uma vez que eu fui lá e mano nossa muito ruim, galera olhando para você assim e tipo mano eu não vou botar um salto para ir no shopping tá ligado, vou tranqüilona de chinelo ali tá ligado, vou fazer um bagulho lá e vou embora, então a galera já cria um preconceito sobre você, te criminaliza e tudo mais né (CLEÓPATRA, 2020).

Desse modo, raça e classe são evidenciadas nessa estrutura de poder, há uma intensificação e influência mútua. Cleópatra ainda acrescenta, que também não gosta de frequentar baladas da cidade, pelo mesmo desconforto provocado nos *shoppings*, sendo que nesses locais o gênero se apresenta como uma dimensão mais opressiva, principalmente em baladas heteronormativas, em que assédios e discriminações de gênero são intensificadas.

A área central de Londrina também causa desconforto em Cleópatra, afeto que se repete nos *relief maps* das outras jovens negras. O eixo de classe não é uma opressão tão acentuada nesse espaço, em função de ser uma área de comércios mais populares. Entretanto, é um espaço com pessoas transitando constantemente, em que os assédios são comumente sofridos por mulheres. É nesse espaço que a dimensão de idade assume maior elevação, uma vez que jovens são remetidas/os ao desemprego na área, principalmente, estudantes como é o caso de Cleópatra. Há ainda uma série de abordagens realizadas por trabalhadoras/es oferecendo cursos para a juventude.

Ser jovem em seu local de estudo e trabalho não causa desconforto em Cleópatra, uma vez que as/os estudantes de sua instituição de ensino também são jovens, assim como suas/eus companheiras/os do trabalho circense, são

majoritariamente, jovens. Todavia, o desconforto em relação à raça, classe e gênero continua elevado. Assim, esses espaços são controversos, ao possibilitarem que a sexualidade e idade não sejam dimensões opressoras, mas ainda assim, reprimem a jovem em relação à raça, gênero e classe.

Em relação aos espaços públicos, ainda que entendidos como locais de livre acesso e de encontro entre as/os diferentes, não há garantia de que interações sociais positivas irão acontecer e que todas/os sujeitas/os se sentirão à vontade. No caso de Cleópatra, os eixos de raça e gênero são os que mais causam desconforto. Ser mulher e negra no espaço público, a depender da hora do dia, causa medo e insegurança, sobretudo, no período noturno.

Nos eventos de *Hip Hop* e batalhas de rima, os afetos de alívio começam a ser mais presentes. Os eixos de raça, gênero, classe e idade que oscilaram para o desconforto nos espaços anteriores, passam a estar mais próximos do conforto, principalmente a dimensão racial, que motivou a maior parte dos desconfortos. Ainda que sejam espaços que proporcionam que as jovens afirmem suas identidades, os eventos de *Hip Hop* e as batalhas não proporcionam apenas conforto, sendo que o eixo de gênero se destaca nas batalhas de rima, como motivo de desconforto.

Em virtude de Cleópatra ser MC de batalha, sempre que está presente nesses espaços, a jovem participa das competições. Nesse cenário, idade, raça e sexualidade não a afetam negativamente, entretanto, classe e gênero sim. Em relação ao gênero, a jovem afirma que no começo de sua participação em batalhas enfrentou preconceito: “[...] tipo os cara já acha que a gente quer dar para todos eles né, tipo sabe os cara achar que eu que eu tô lá só por causa dos manos e que eu tô lá só porque eu quero pegar os cara” (CLEÓPATRA, 2020).

Desse modo, o gênero se destaca por ser mulher em um ambiente masculino, por ter que escutar rimas machistas e por existir a possibilidade de ao batalhar ser discriminada. Embora haja esse desconforto de acordo com alguns eixos nas manifestações da cultura *Hip Hop*, a maior parte dos afetos são positivos: “Ah é uma energia muito boa que eu sinto, sempre senti essa questão das energias né, tipo sempre senti uma energia muito positiva quando eu tava ali dentro e até hoje (CLEÓPATRA, 2020).

É evidente que a oportunidade de se expressar e, principalmente, ser ouvida, é extremamente importante para Cleópatra. Nas batalhas ela consegue “mandar sua visão”, nas palavras da jovem, e para além desses eventos serem de lazer, são também de atuação política, ao proporcionarem a denúncia das discriminações e desigualdades existentes.

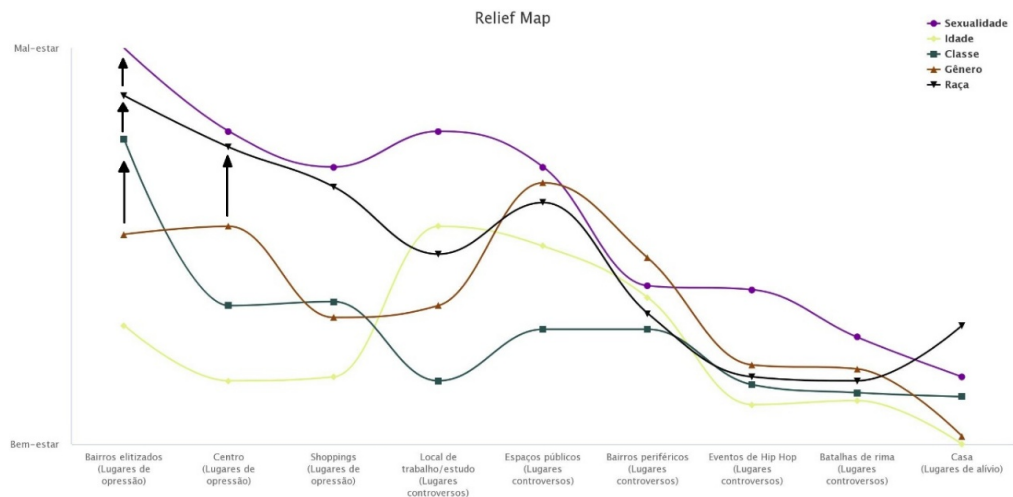
Mesmo que classificada enquanto um espaço de alívio, a casa causa desconforto na jovem, em relação ao gênero. Nesse espaço, determinadas convenções de gênero ainda são reproduzidas. Um exemplo, é que a maior parte dos afazeres domésticos são destinados às mulheres, e no seu caso, por ser uma mulher jovem, essa determinação é intensificada.

Por fim, a sexualidade é um elemento que chama atenção no *relief map* de Cleópatra, em nenhum dos espaços representados, ela é um eixo de desconforto. A jovem se define enquanto heterossexual, assim sua sexualidade se enquadra nos padrões sociais heteronormativos. Se a jovem se assumisse lésbica, por exemplo, a linha da sexualidade ganharia novos contornos, mais associados ao desconforto. Porém, ainda que ser uma jovem mulher negra e de

classe popular lhe cause opressões em determinados espaços, ser heterossexual não é tido como motivo de repressão.

Na Figura 2 há o *relief map* de DJ Fran. Os eixos de opressão mais associados ao desconforto são sexualidade, raça e gênero. Apesar de DJ Fran não possuir performances sexuais dissonantes da matriz de inteligibilidade (BUTLER, 2003), esse eixo lhe causa desconforto em muitos espaços.

Figura 02: *Relief Map* de DJ Fran



Org.: a autora, 2020.

Os espaços de opressão são mais associados ao desconforto. Há uma intensificação nos bairros elitizados, ser mulher intensifica as opressões de classe, raça e sexualidade. Enquanto que nos *shoppings*, o desconforto da jovem é menor, ainda assim ela evita frequentar esses espaços. Os espaços controversos estão mais ligados ao conforto e alívio. Os bairros periféricos representam afirmação para a jovem, tendo em vista que ela reside em uma área periférica empobrecida da cidade. O eixo que mais se destaca, em relação ao desconforto, nos bairros periféricos é o gênero, em virtude da constante sexualização à que as mulheres são submetidas.

Uma vez que os espaços públicos são heteronormativos (RODÓ-DE-ZARÁTE, 2013), há uma vigilância em relação a suas/eus frequentadoras/es. O estilo (FEIXA, 1999) de DJ Fran se torna motivo de olhares de julgamento. A jovem costuma usar vestidos coloridos, bonés, meias estampadas e tênis, além de acessórios como correntes, um estilo comum na cultura *Hip Hop*. E essa estética causa incômodo a pessoas que possuem preconceito para com o *Hip Hop*. Nesse sentido, a depender do espaço público, os eixos de opressão assumem contornos ligados ao desconforto.

Os eventos de *Hip Hop* e batalhas de rima são ligados ao conforto. Por participação na organização de eventos como o Festival *Hip Hop*é Vermelho, DJ Fran procura tornar a atmosfera desses espaços confortável para as mulheres, sempre pautando a importância da participação feminina.

Uma vez que a sociedade e a família não proporcionam que a jovem se aceitasse como é, foi a cultura *Hip Hop* que contribuiu para esse processo, assim ela é sempre remetida ao alívio:

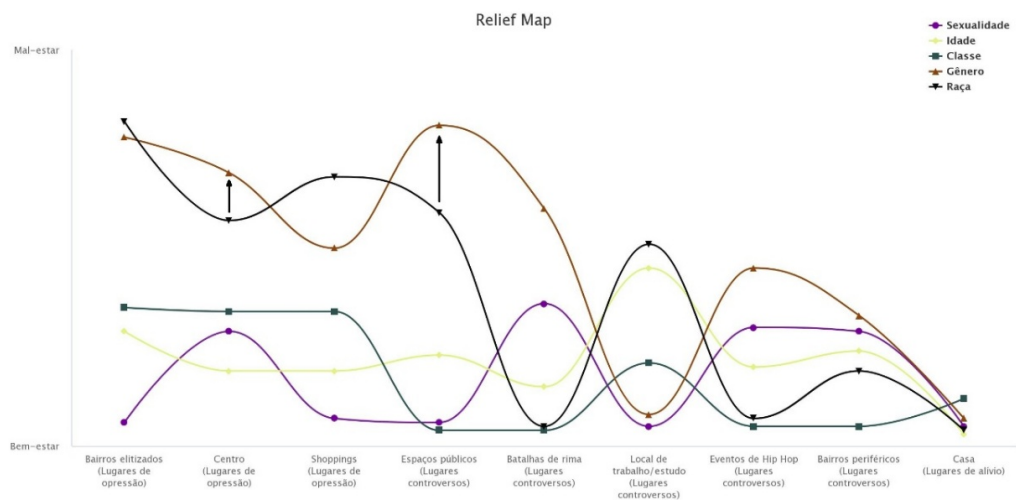
Eu vejo que o hip hop segura muita coisa ainda, na periferia ele é fundamental, apesar que eu acho que ainda falta o poder público tá lá, investindo. Tudo que eu tenho hoje, praticamente, eu devo ao hip hop, toda minha formação acadêmica, minha profissionalização é tudo pelo hip hop, até eu dando aula pra criança lá eu to fazendo hip hop. De você conversar, se expressar, enfim eu acho que é isso (DJ FRAN, 2020).

Desse modo, o encontro com a cultura *Hip Hop*, por meio de seu marido, representou uma mudança positiva na vida de DJ Fran. A jovem relata já ter sido alvo de machismo na cena, porém, com o tempo conseguiu se impor e, por isso, incentiva que outras mulheres façam parte da cultura. Para além de ser uma cultura juvenil, o *Hip Hop* representa para a jovem o espaço em que ela constituiu sua identidade e encontrou uma forma de se expressar.

Por último, a casa de DJ Fran é uma espécie de memorial para o *Hip Hop* londrinense, ao longo de suas trajetórias na cultura, ela e o marido guardaram inúmeras lembranças e a casa conta algumas dessas histórias. Assim, esse local representa alívio, é onde eles gerenciam os projetos culturais, produzem seus sons e se sociabilizam com as/os amigas/os.

A Figura 3 apresenta o *relief map* de MC VK. Diferente dos outros *relief maps*, eixos de opressão não estão extremamente ligados ao desconforto nos espaços. Sexualidade, idade, e classe social possuem poucas oscilações. Enquanto que gênero e raça possuem contornos mais acentuados.

Figura 3: *Relief Map* de MC VK



Org.: a autora, 2020.

Os espaços de opressão causam desconforto em MC VK em virtude da raça e gênero. A jovem relata que ao longo de sua adolescência, eram esses espaços que ela mais costumava frequentar, somados ainda, à igreja. Seus pais tinham uma condição financeira estável e, apesar de morar em bairros próximos a espaços periféricos, o contato da jovem com esses locais era raro. Assim, sua realidade se aproximava mais de *shoppings* e o convívio social era com pessoas que residiam em bairros elitizados.

O encontro com a cultura *Hip Hop* modifica a trajetória de vida de MC VK, assim como sua consciência das opressões vivenciadas. Ela cresceu com um estigma acerca dos bairros periféricos. A jovem foi induzida a possuir uma visão estereotipada dos bairros periféricos, que são sempre associados à violência, crime e marginalidade. A partir do encontro com a cultura, essa visão é modificada, assim como também é intensificada, uma vez que a jovem casa com um MC periférico que conheceu nas batalhas. Ela passou a se reconhecer enquanto uma sujeita periférica e suas espacialidades foram transformadas: “Chegou um momento da minha vida de eu poder olhar e falar que eu me sentia mais segura estando dentro da quebrada, do que andando em alguma rua tranquila e calma por aí” (MC VK, 2020).

Nesse sentido, as emoções sentidas por MC VK nos bairros periféricos são mais associadas ao conforto. Em seu local de trabalho e estudo, há uma dinâmica específica. Por ser tecnóloga em estética, suas clientes são, majoritariamente, mulheres. Assim, nesse espaço, o eixo de gênero está mais associado ao alívio. A graduação que a jovem faz na UEL, em Farmácia, também não lhe causa desconforto em relação ao gênero, todavia, a intersecção entre raça e idade ganha destaque, uma vez que se trata de um curso formado, em sua maioria, por mulheres brancas: “[...] de uma certa forma a gente é cobrado em triplo, dobro, por ser mulher negra e é uma coisa que eu via bastante dentro do meio acadêmico” (MC VK, 2020).

Nos espaços públicos há uma intensificação, ser jovem e negra aumenta as discriminações de gênero. Assim como no caso das outras sujeitas da pesquisa, a intersecção entre os eixos de opressão resulta em mais medo e insegurança nesses locais a depender dos dias e horários. Entretanto, os espaços públicos são classificados enquanto controversos, por ser neles que alguns eventos de *Hip Hop* acontecem, e nesses momentos, as possibilidades de afirmação aumentam, assim como as sensações de opressão decaem.

Nos eventos de *Hip Hop* e batalhas de rima, as emoções são mais ligadas ao alívio. Contudo, sexualidade e gênero se destacam, uma vez que as batalhas de rima ainda são um espaço em que discursos machistas são reproduzidos. Uma vez que as batalhas de rima são competições em que, geralmente, a/o adversária/o é desmoralizada/o, MC VK salienta ter o cuidado de não desmerecer nenhuma mulher:

[...] por exemplo, quando eu me pego compondo, mandando um free, tem certas situações que eu, enquanto mina, não me sinto confortável de rimar ou de falar alguma coisa, mas eu já não sei se é a opressão de fora pelo meu gênero ou se eu me auto oprimo por isso, falar algumas rimas tipo “ah não sei que lá, vou catar não sei quem, essa mina é mó feia”, desmerecer, fazer rima de cunho sexual, eu não me senti confortável para apresentar uma roda de freestyle se o assunto é esse, eu não me sinto confortável em rimar justamente pela carga que tem de uma mulher falar sobre um assunto desse publicamente, abertamente. Então não sei se a opressão vem de mim ou se é externa e eu assumo, mas é uma situação que eu vejo (MC VK, 2020).

Para além de não querer oprimir nenhuma mulher, há também o receio de

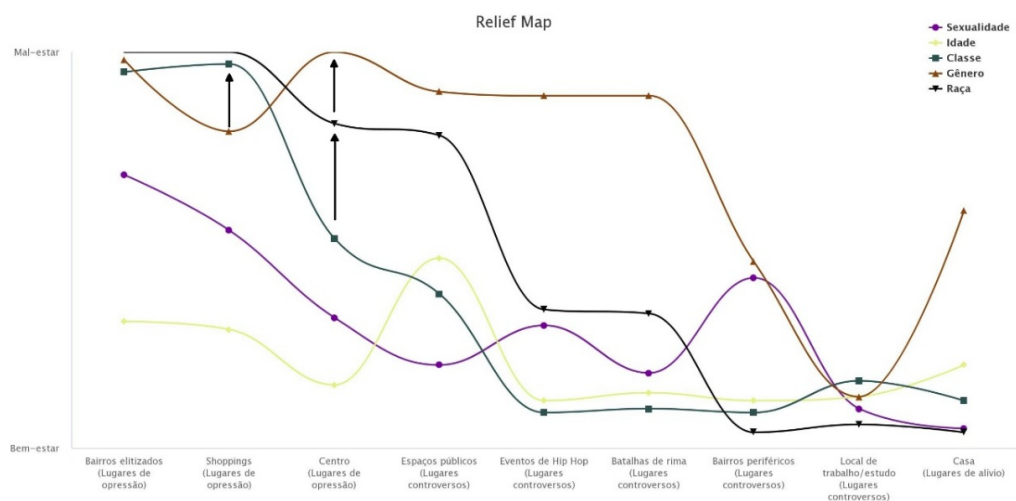
ser oprimida ao proferir algumas rimas. A jovem evita falar acerca de alguns assuntos publicamente, principalmente de cunho sexual, por medo de ser classificada como “oferecida”. Nesse contexto, se evidencia que as mulheres são constantemente julgadas a respeito do que dizem e seu comportamento sexual é sempre colocado em questão.

Ainda que a atmosfera das batalhas e eventos do *Hip Hop* seja constituída por desconforto em relação à determinadas intersecções, a sociabilidade criada é marcante para as jovens: [...] na hora que eu cheguei para rimar, você sente aquela energia daquelas pessoas que querem ver a rima e isso sempre foi uma coisa que me marcou muito nos ambientes de batalha” (MC VK, 2020).

MC VK relata ter encontrado sua identidade no *Hip Hop*. A jovem cresceu sendo moldada pelos pais e pela igreja, e a cultura possibilitou que ela fosse sujeita de sua história. Por fim, o espaço da casa representa um local de alívio, uma vez que todos os eixos são ligados ao conforto. Ao morar com seu atual marido, são os dois que constroem a dinâmica da casa, talvez esse cenário de emoções fosse diferenciado, se a jovem ainda morasse com os pais.

Na Figura 4, há o *relief map* de Poetiza. O eixo causador de maior opressão nos espaços listados, é o gênero, seguido de raça e classe. A sexualidade é um motivo de desconforto em alguns locais, sobretudo, nos espaços de opressão. Todavia, no restante dos espaços ela está mais associada ao conforto, esse cenário se deve ao fato de que a jovem se define heterossexual, desse modo, sua performance se enquadra na matriz de inteligibilidade heteronormativa (BUTLER, 2003). Quando a linha da sexualidade apresenta elevações, ela está ligada ao desconforto que Poetiza sente por ser sexualizada pelos homens, que a associam a estereótipos como uma mulher oferecida, que só frequenta alguns locais, para se relacionar com os homens dali. Um exemplo disso, são os bairros periféricos.

Figura 04: Relief Map de Poetiza



Org.: a autora, 2020.

Nos espaços classificados como de opressão, raça, classe e gênero são os eixos mais associados ao desconforto. Poetiza aponta que não sente que esses espaços foram feitos para ela, uma vez que se incomoda pela população que os frequenta ser, majoritariamente, branca e de classe alta, com exceção, da área

central de Londrina. Há uma intensificação dos afetos nos *shoppings*, ser mulher intensifica as opressões de classe e raça:

Shopping, eu não gosto de shopping, eu compro minhas roupas em lojinhas assim, eu gosto de ir em brechó, eu adoro brechó, lojinha mais retrô, essas coisas e agora quando eu chego num shopping assim dá a impressão que tá todo mundo olhando pra mim, é aquela coisa porque eu já trabalhei num shopping e tipo eu era repositora, o subgerente ficava andando atrás de mim e eu trabalhava lá, às vezes tinha pessoa roubando e ele lá atrás de mim, igual já aconteceu muitas vezes no mercado também, tipo da pessoa tá super madame que eles dão um privilégio direto lá, chega lá pega peça de carne entendeu e ele tá lá atrás de mim que tô trabalhando. Eu não consigo ir no shopping, as vezes a minha amiga fala “ai, vamo lá, eu quero compra um vestido, me ajuda a escolher”. Eu falo: “ai, vamos em outro lugar, vamo no camelô” (POETIZA, 2020).

Por já ter trabalhado em um shopping de Londrina, Poetiza sente desconforto não apenas como consumidora. A discriminação sofrida pela jovem se deu em função de ser mulher, negra, empobrecida e periférica, daí que essas dimensões, são as mais explícitas em seu *relief map*. Ela não se sente pertencente aos espaços de opressão, preferindo consumir produtos fora desse circuito comercial, como em brechós e lojas pequenas. O estilo da jovem é composto por peças que não são vendidas em lojas de departamento, isso se deve a sua identidade hip hopper, mas também, em certa medida, aos olhares que lhe direcionam nas lojas de *shoppings*.

O desconforto sentido nos espaços de opressão é sintetizado na fala da jovem: “As pessoas acham que você não deve estar ali né, por isso que já gera esse preconceito, que você vai no lugar e as pessoas fica te olhando, elas olham como se ali não fosse seu lugar, então, isso automaticamente te obriga a estar ali nos roles que é da sua área, da sua classe” (POETIZA, 2020). A ordem hegemônica de poder restringe as espacialidades das jovens mulheres negras, elas sabem onde são bem-vindas, e como apontado por Poetiza, os espaços classificados como de opressão, não são destinados a elas.

Diferente dos *relief maps* das outras sujeitas da pesquisa, o local de trabalho/estudo é para Poetiza um espaço de alívio, e não controverso. Sua principal profissão é ser trancista e, conseqüentemente, ela trabalha majoritariamente com mulheres. Desse modo, não se sente desconfortável em relação a nenhum eixo de opressão. O trabalho de Poetiza possibilita que ela se afirme enquanto uma jovem mulher negra, ela valoriza a estética negra e contribui na construção positiva das identidades das mulheres negras.

Os bairros periféricos são controversos, no sentido de que, são locais oportunos para Poetiza se afirmar. A jovem reside em um desses bairros e os projetos sociais dos quais participa ocorrem, principalmente, nas periferias empobrecidas de Londrina. Daí que os eixos de opressão idade, classe e raça são associados ao conforto, uma vez que a maior parte da população que reside nos bairros é negra. Poetiza valoriza as periferias empobrecidas e salienta a importância de a juventude do *Hip Hop* contribuir com as comunidades

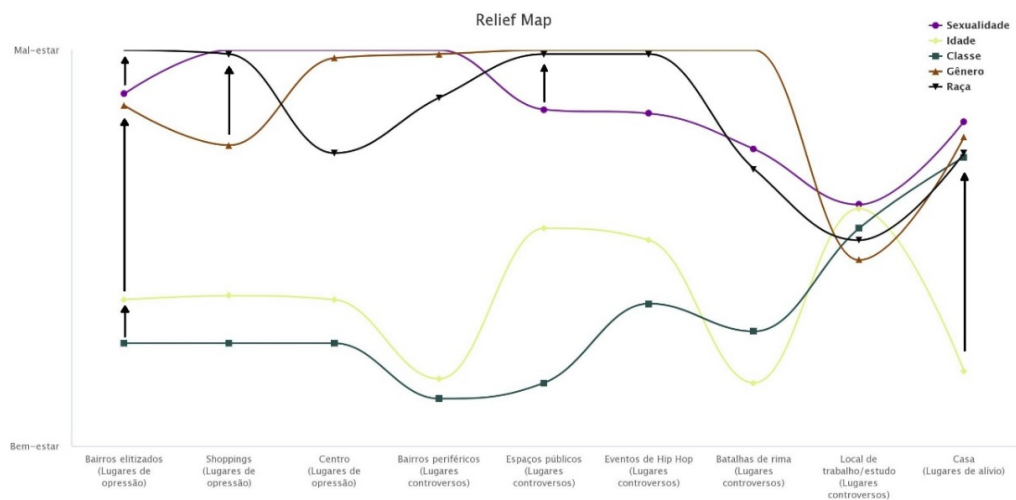
carentes. É nesses espaços que ela sente que consegue fazer a diferença nas realidades vulneráveis: “Contribui [o hip hop] porque quando você consegue entrar em algo que você consegue tem voz, você pode engajar sua luta, a luta que você quiser. A luta é por eles, por elas, pelas crianças, pelas mulheres, pela comunidade” (POETIZA, 2020).

Todavia, mesmo que os espaços periféricos empobrecidos possibilitem que Poetiza se afirme e consiga expressar sua identidade, o gênero ainda a faz se sentir desconfortável em algumas situações, devido à constante sexualização de seu corpo. Esse desconforto em relação ao gênero permanece em outros espaços listados que possuem grande potencial de afirmação identitária: espaços públicos, eventos de *Hip Hop* e batalhas de rima.

Nos espaços públicos, a idade assume seus maiores contornos. Ser mulher, negra e jovem em espaços públicos a torna mais vulnerável a violências físicas. Por fim, o espaço da casa proporciona conforto e alívio à Poetiza. A jovem sente segurança em relação a todos os eixos de opressão. Trata-se de um ambiente de alívio e afirmação, assim como de trabalho, em virtude de muitas clientes irem até sua casa para fazer tranças.

O último *relief map* é exposto na Figura 5 e apresenta a negociação identitária realizada por Venezian, nos espaços de Londrina. O *relief map* da jovem é o mais diferenciado, em relação às representações das outras sujeitas da pesquisa. Sua representação assume contornos associados ao desconforto em todos os espaços da cidade, até mesmo na casa, que teoricamente, deveria proporcionar conforto.

Figura 05: *Relief Map* de Venezian



Org.: a autora, 2020.

Os eixos de opressão de classe e idade não exercem grande influência na ocupação dos espaços pela jovem. Entretanto, raça, gênero e sexualidade se cruzam e interferem em suas trajetórias de espaço. Venezian se assume enquanto uma mulher lésbica. Desse modo, a sexualidade é o eixo de opressão que mais lhe causa desconforto nos espaços, uma vez que a jovem não se enquadra na matriz de inteligibilidade heteronormativa (BUTLER, 2003).

Por muitos anos, Venezian entendeu sua sexualidade como algo errado. A

jovem sempre soube que não se enquadrava nos padrões heteronormativos, mas ainda assim, tentou negar sua identidade, vivendo uma heterossexualidade compulsória, como forma de evitar sofrer uma série de discriminações. Em um contexto de conflitos internos e subjetivos, o *Hip Hop* contribuiu para que Venezian pudesse se expressar e ser ouvida, segundo a jovem.

Os espaços classificados como opressivos causam extremo desconforto na jovem. Ela aponta que não se sente à vontade em *shoppings*: “[...] hoje em dia, se o povo me chama pra ir pra shopping, eu fico tipo: “gente, fazer o que em shopping, ficar andando?” (VENEZIAN, 2020). Nesses espaços, há uma intensificação dos afetos em função do cruzamento de raça, gênero e sexualidade. Olhares ainda são direcionados a Venezian devido ao seu estilo, composto por roupas tidas como masculinas, bonés e tatuagens. Ao contrário das realidades das jovens lésbicas investigadas por Rodó-de-Zárate (2013), Venezian não consegue “brincar” com sua idade para obter privilégios heterossexuais normativos, o estilo dela não lhe permite performar identidades associadas a feminilidade. Assim, em determinados espaços, as opressões são inevitáveis, em virtude da estrutura de poder.

No local de trabalho e estudo da jovem, o desconforto em relação à intersecção gênero, raça e sexualidade é minimamente atenuado, porém, é nesses espaços que os cinco eixos de opressão ficam mais unidos. Ser uma jovem negra, empobrecida e periférica a condiciona a ter que trabalhar para sobreviver. No curso técnico que faz, trabalhar em outro local e ainda ter que estudar, interfere em seu tempo dedicado aos estudos, assim como na forma que as pessoas podem vir a tratá-la em função de seu estilo.

Nos outros espaços classificados como controversos, a intersecção raça, gênero e sexualidade permanecem afetando negativamente as experiências de espaço de Venezian. Como apontado por Rodó-de-Zárate (2013), os espaços públicos são heteronormativos, tornar a orientação sexual explícita é visto como disruptivo e ameaçador da ordem existente. Daí que mesmo amando frequentar o Zerão, nas palavras da jovem, os eixos de opressão ainda a tornam mais vulnerável nesses locais, a depender dos dias da semana e do público frequentador. Como por exemplo na sexta-feira, dia em que acontece a Batalha da Concha e que a juventude ocupa o espaço público, esses eixos não lhe causam o mesmo desconforto, que em um domingo à tarde, em que várias famílias frequentam o local.

Nos eventos de *Hip Hop* e batalhas de rima, a performance de Venezian contribui para que a jovem sofra menos discriminações explícitas. Seu estilo tido como masculinizado auxilia na luta contra ao sexismo, tornando uma ferramenta de resistência, nas palavras de Rodó-de-Zárate (2013). Entretanto, isso não impede que a jovem seja alvo de discriminações, uma vez que as interseccionalidades continuam operando em sua trajetória de vida: “[...] os caras só batalha entre si mesmo e pronto, agora se tem uma mina é totalmente diferente o atacamto e quando a menina usa aquilo, ela é vitimista ou ela tá, tipo, se fazendo sabe, isso que é o pior de tudo” (VENEZIAN, 2020). Assim, há uma tentativa de deslegitimar as denúncias expressadas.

Apesar do cenário das batalhas reproduzir o machismo e causar desconforto em relação à determinados eixos de opressão, Venezian encontrou nesses espaços a oportunidade de se afirmar, possibilidade que não encontrou em

grande parte de sua vida: “[...]uma coisa ali que eu vejo hoje em dia eu transformo aquilo no que eu amo sabe, se não fosse pela rima eu não pensaria dessa forma e não transmitia dessa forma sabe” (VENEZIAN, 2020). A jovem aponta que o *Hip Hop* lhe proporcionou maior consciência das desigualdades raciais e de gênero.

Em virtude de todas as opressões que já sofreu em sua trajetória de vida, Venezian assume uma postura de enfrentamento. A jovem já foi muito silenciada ao longo de sua vida, e após encontrar sua voz na cultura, não aceita ser oprimida sem manifestar suas opiniões: “[...] quando você tá lá em cima [do palco], mano, é outra coisa, nada que você vai fazer, que você gosta, o coração não vai pela boca né, sempre tem aquela excitação” (VENEZIAN, 2020). Assim, sua resistência é empreendida por meio das palavras nas batalhas, os afetos sentidos maximizam suas capacidades de agir no momento da competição.

Por fim, há o espaço da casa que não proporciona completo alívio à jovem. Há uma intensificação das relações estabelecidas, ser mulher, negra, empobrecida e lésbica já lhe causa determinados conflitos, e isso é ressaltado por ser jovem, ao considerarem que ela ainda é muito nova e está se descobrindo. Venezian destaca que, atualmente, sua família aceita sua orientação sexual, todavia, isso não impede que determinados discursos estereotipados sejam reproduzidos e atinjam a jovem. A consciência racial, por exemplo, não é totalmente presente em sua casa, foi por meio do *Hip Hop* e da escola, que ela passou a se entender como negra.

Desse modo, o *relief map* de Venezian traz estas complexidades, apesar da sexualidade se destacar em suas experiências, é a intersecção entre os eixos de opressão que determinam os afetos sentidos por ela. Sua negociação identitária nos espaços é constante. Como sintetizado pela jovem: “Ah, não se sentir à vontade se você perguntar pra uma mulher, em todo lugar que ela for, ela não vai sentir muito à vontade né” (VENEZIAN, 2020).

Em síntese, a partir dos *relief maps* apresentados, constatamos como as realidades vivenciadas pelas jovens mulheres negras da pesquisa são complexas e heterogêneas. De acordo com suas identidades, elas se sentem confortáveis ou não nos espaços de Londrina. Nesse sentido, que as interseccionalidades são fundamentais para interpretar as trajetórias de vida e de espaço das sujeitas, uma vez que, de acordo com o espaço, com a estrutura de poder, com a experiência vivida e com os eixos de opressão, seus afetos são modificados. Nas interpretações realizadas, salientamos que, de acordo com o espaço considerado, determinado eixo de opressão se destacou ou não. Todavia, são as experiências interseccionadas dessas mulheres que determinam a dinâmica de opressão sofrida.

Considerações Finais

Raça, gênero, classe, sexualidade e idade são eixos que formam a sociedade e que, historicamente, são utilizados pela estrutura de poder hegemônica para diferenciar as pessoas e discriminá-las. Quando interseccionamos esses eixos ao espaço geográfico, concluímos que há constantes tentativas de nos impedir de adentrar os mais variados espaços da cidade, de ocupar as posições de

centro e de frente, sendo-nos reservadas as áreas marginalizadas, as menos luminosas.

O *Hip Hop* se apresenta como uma cultura juvenil de enfrentamento às imposições da sociedade, ainda que possua contradições internas. As jovens da pesquisa realizam múltiplos enfrentamentos. Elas tensionam os estigmas de gênero presentes na cultura *Hip Hop*, assim como por meio dela resistem a segregação socioespacial da cidade, ocupando espaços que não foram destinados a elas, como os espaços públicos da área central de Londrina, em que acontecem os eventos.

Por meio dos *relief maps* constatamos que as jovens mulheres negras *hip hoppers* negociam suas identidades constantemente nos espaços e não se sentem à vontade em todos. Elas transitam por toda a cidade, porém, em menor frequência por espaços que lhes causam elevado desconforto. Os espaços dos bairros elitizados e *shoppings* são os menos frequentados, evitados sempre que possível. Por esse motivo, são classificados como locais de opressão. A área central também é considerada um espaço de opressão, porém, dificilmente as jovens conseguem evitá-la, em função das principais atividades comerciais de Londrina se concentrarem nessa zona.

Os espaços classificados como controversos, na teoria, deveriam proporcionar afirmação e maximização das capacidades de agir (HUTTA, 2019). Entretanto, de acordo com os eixos de opressão considerados, eles proporcionam desconforto, como, por exemplo, os espaços públicos que em relação à gênero, raça e idade provocam mal-estar nas jovens, em função do medo e insegurança de sofrer algum tipo de violência.

Os afetos acionados nos eventos do *Hip Hop* e batalhas de rima confirmam as potencialidades da cultura na vida das sujeitas. Eles proporcionam que as jovens tenham visibilidade, possam se expressar e criar redes de sociabilidade, em suma, maximizam as capacidades de agir. Todavia, o machismo, o sexismo e a heteronormatividade acionam emoções negativas e o seu processo de afirmação é, constantemente, também de enfrentamento.

Dessa forma, as trajetórias explicitadas nos *relief maps* apontam que nem sempre os espaços de afirmação, são de total acolhimento. As jovens têm suas capacidades de agir afetadas continuamente pela intersecção dos eixos identitários. Para que as capacidades de agir sejam sempre maximizadas, é necessário modificar a estrutura desigual de poder. Somado aos eixos interseccionais que seus corpos carregam, os afetos direcionados a elas também são determinados por seus estilos. Enquanto uma marca dessa fase de vida e também das culturas juvenis, o estilo manifesta a identidade de cada sujeita/o. Ao possuírem um estilo ligado à cultura *Hip Hop*, as jovens são alvos de opiniões do senso comum, que as associam a marginalização.

Concluimos que os corpos femininos negros, com suas marcas juvenis, de gênero, de cor e de sexualidade realizam negociações identitárias nos múltiplos contextos em que se espacializam. As jovens controlam seus comportamentos a todo momento, como forma de evitar possíveis confrontos. Suas performances são diretamente afetadas pela imagem que a sociedade lhes impõe, assim como suas espacialidades. Ainda que a cultura *Hip Hop* reproduza o machismo, é em seus espaços que as jovens têm a oportunidade de se afirmar e feminilizar a cultura juvenil.

Dentro das limitações dos tempos que vivemos, essa pesquisa se apresenta como um ato de resistência. Resistência aos infindáveis ataques à educação pública, ao povo negro, às mulheres negras e não-negras, às pessoas LGBTQIA+, às juventudes e aos avanços sociais conquistados até aqui. Convido a todas/os leitoras/es para estabelecerem suas próprias considerações.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Número do financiamento - CAPES: 88887.352329/2019-00.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Polén, 2019.

ALMEIDA, Silvio Luis. **O que é racismo estrutural?**, Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CORREIA, Marcelo Silveira. Representações nas batalhas de rima. Rio de Janeiro: Instituto Grão/LABAC, 2020.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. *In*: RIBEIRO, Matilde. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2004, p. 7-16.

FEIXA, C. **De jóvenes, bandas y tribus: antropología de la juventude**. 2 ed. Barcelona: Editora Ariel, 1999.

GALDINO, Claudio Francisco. **A população negra em Londrina: as interfaces entre violência e educação**. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

GIBBS, Graham. 4- Codificação e categorização temáticas. *In*: GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Bookman, 2009, p. 59-78.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Ciências Sociais Hoje**, São Paulo, p. 223-244, 1984.

HUTTA, J. S. Affective Territories: cartography of aconchego as cartography of power. **Geografia em Atos**, Presidente Prudente, v. 5, n. 12, p. 8-36, 2019.

MARQUES, Ana Carolina dos Santos. **As espacialidades instituídas pelas jovens mulheres negras na e por meio da cultura Hip Hop em Londrina (PR)**. 2021. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente.

MASSEY, Doreen. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **GEographia**, v. 6, n. 12, p. 7-23, 2004.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MATSUNAGA, Priscila Saemi. **Mulheres no hip hop: identidades e representações**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

MCCALL, Leslie. The Complexity of Intersectionality. **Signs**, Chicago, v. 30, n. 3, p. 1771 – 1800, 2005.

MCDOWELL, Linda. **Gender, identity and place**: understanding feminist geographies. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

OLIVEIRA, Denilson de Araújo. Gestão racista e necropolítica do espaço urbano: apontamento teórico e político sobre o genocídio da juventude negra na cidade do Rio de Janeiro. *In*: COPENE Sudeste, 1, 2015, Nova Iguaçu. **Anais [...]**. Nova Iguaçu: UFRRJ, 2015. p. 1-15.

OLIVEIRA, Denilson de Araújo. Inscrição espacial do racismo e do antirracismo: a 'Pequena África' como forma espacial de descolonização da área central e portuária do Rio de Janeiro. *In*: ENANPEGE, 13, 2019, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2019, p. 1-15.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. 2 ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

REIS, Máira Lopes. Estudos de gênero na geografia: uma análise feminista da produção do espaço. **Espaço e Cultura**, n. 38, p. 11-34, 2015.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RODÓ-DE-ZÁRATE, Maria. Young lesbians negotiating public space in Manresa: an intersectional approach through places. **Children's Geographies**, p. 1 - 22, 2013.

RODÓ-DE-ZÁRATE, Maria. Developing geographies of intersectionality with Relief Maps: reflections from youth research in Manresa, Catalonia. **Gender, Place & Culture**, v. 21, n. 8, p. 925-944, 2014.

SILVA, J. M. Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades. *In*: SILVA, J. M. (Org.). **Geografias subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009, p. 25-53.

TURRA NETO, Nécio. Definir juventude como ato político: na confluência entre orientações de tempo, idade e espaço. *In*: CAVALCANTI, L. de S.; CHAVEIRO, E. F.; PIRES, L. M. (org.). **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2015, p. 119-135.

WELLER, W. A invisibilidade feminina nas (sub)culturas juvenis. *In*: COSTA, M. R.; SILVA, E. M. (org.). **Sociabilidade juvenil e cultura urbana**. São Paulo: Educ, 2006, p. 111-148.

Recebido em 12 de junho de 2021.

Aceito em 30 de junho de 2021.

Ana Carolina dos Santos Marques

229